

## O ESPETÁCULO DA COPA DO MUNDO DE 2002 EM DOIS CONTOS DE MIA COUTO.

Elizabeth da Silva MENDONÇA  
PG-UNESP/Câmpus de São José do Rio Preto  
bethmenca@hotmail.com

**Resumo:** São conhecidas as relações brasileiras com os países africanos de língua portuguesa, mesmo quando colônias de Portugal. O Brasil sempre representou para esses países, na senda do nacionalismo pré-independência, que não queria mais espelhar-se em Portugal, um modelo de nação a ser seguido. Tanto que a literatura brasileira conseguiu uma grande parcela de leitores entre os poucos alfabetizados, no caso, os intelectuais, nesses lugares. Já para a maioria da população, que não tinha escolarização, o futebol e a música brasileira representaram uma fonte de encantamento. Jogadores de futebol brasileiros como: Didi, Leônidas da Silva e Brandão, aludidos pelo poeta moçambicano, José Craveirinha (1988), em entrevista a Rita Chaves, passaram a integrar o cotidiano das pessoas dos bairros pobres de Moçambique. Na obra de Mia Couto, escritor moçambicano, cujo projeto literário tenta escrever a moçambicanidade, ou seja, uma identidade para seu povo, o futebol, e, em especial, o espetáculo da Copa do Mundo de 2002, faz-se presente em dois contos do seu livro *O fio das missangas*: “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” e “A carta de Ronaldinho”. Ambos vão misturar o universo da realidade dura de um país assolado por problemas sociais oriundos da desilusão, ou mesmo da traição, o universo dos ideais defendidos no projeto de independência, com a fantasia e o sonho proporcionados pela transmissão de jogos de futebol pela televisão. Esse artigo pretende apresentar uma leitura desses dois contos em que Mia Couto, falando de futebol, ora de forma irônica, ora humanizando mendigos, ora dando oportunidade de sonhar a um velho de nome “Filipão Timóteo” com a função de técnico, vai pondo em questão toda uma tessitura humano-social que vê, na ilusão das imagens televisivas, uma saída onírica para uma realidade em que quase tudo é privado aos personagens do conto, menos o direito de se imaginarem nos gramados do Mundial de 2002. A perspicácia do narrador, que faz uso de uma linguagem povoada de jargões futebolísticos, deixa entrever, por meio da temática do futebol, uma feroz crítica social nesses dois contos.

**Palavras-chave:** Mia Couto; contos; paródia; futebol.

### INTRODUÇÃO

São conhecidas as relações brasileiras com os países africanos de língua portuguesa, mesmo quando colônias de Portugal. O Brasil sempre representou, para esses países, na senda do nacionalismo pré-independência, que não queria mais espelhar-se em Portugal, um modelo de nação a ser seguido. Tanto que a literatura brasileira conseguiu uma grande parcela de leitores, entre os poucos alfabetizados, no caso, os intelectuais, nesses lugares. Já para a maioria da população, que não tinha escolarização, o futebol e a música brasileira representaram uma fonte de encantamento.

A esse respeito Rita Chaves (2000, p. 1) coloca:

Como decorrência da circulação de ideias e informação ou apoiados simplesmente no plano das sugestões ditadas pela afetividade, setores intelectualizados ou segmentos populares buscavam no Brasil traços de inspiração e/ou elementos de compensação para as insuficiências do cotidiano.

O Brasil passa a ser a colônia bem sucedida, cuja independência, ocorrida no século XIX, conseguiu sucesso. A colonização lusófona e os traços étnico-culturais africanos tornaram o país um “quase” modelo a ser, primeiramente, ufanizado, depois seguido. As colônias portuguesas africanas viam, do outro lado do Atlântico, “uma possibilidade de romper com os valores da metrópole e acabam por exprimir a necessidade de um outro espelho onde mirar o próprio rosto” (CHAVES, 2000, p. 3).

O nosso país chegava através de várias manifestações culturais a Moçambique, conforme podemos constatar na colocação do poeta José Craveirinha:

Eu devia ter nascido no Brasil. Porque o Brasil teve uma influência muito grande na população suburbana daqui (...) desde o futebol. Eu joguei a bola com jogadores brasileiros, como, por exemplo, o Fausto, o Leônidas da Silva, inventor da bicicleta (CRAVEIRINHA apud CHAVES, 2000, p. 4).

Como produto de exportação da imagem brasileira, o futebol penetrou em terras moçambicanas, somando ao seu significado, nossa identidade mestiça. Não podemos perder de vista o fato de que Moçambique, na época, ainda não tinha conseguido a sua independência. Diante disso, é pertinente observarmos o que expõe o escritor moçambicano Calane da Silva:

O Brasil funcionou de uma maneira muito interessante. Havia, da parte do próprio governo português, uma maneira de amolecer um pouco os nossos corações: pondo música brasileira. Eu, uma vez, dei uma explicação interessante: nós, negros e mestiços, rejeitávamos a totalidade da cultura portuguesa – no sentido de que ela queria impor o fado na cabeça (...). Por outro lado, não nos deixavam esgrimir publicamente as culturas de que nós éramos originários, sejam elas macuas ou rongas (...). E então parece-me que a cultura e a música entravam aqui perfeitamente. Portanto, davam uma no cravo e outra na ferradura, encaixavam-se perfeitamente a esta miscigenação. Ia aliviando as tensões (LABAN apud CHAVES, 2000, p. 4).

Seria um truísmo nos referirmos aqui à campanha publicitária do governo militar brasileiro, nos anos 70 do século passado, que usou a conquista da Seleção Brasileira no Mundial do México como válvula de escape contra a pressão da sociedade. Da mesma forma, o governo português ditatorial de Salazar usava elementos da cultura brasileira de forma consciente, deixando penetrar, nos territórios ocupados, aquilo que era de seu interesse. Os moçambicanos, fazendo o contraponto que o colonizado vê-se obrigado a realizar, conseguiram minar essa política portuguesa por intermédio não só da literatura, importada clandestinamente do Brasil, como também do espelhamento na ex-colônia. É fato notório que muitos escritores moçambicanos, ativos combatentes da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), tinham, em autores brasileiros como Graciliano Ramos e Jorge Amado, uma fonte de leitura.

Atualmente, o Brasil chega a Moçambique de forma maciça pela televisão. Mía Couto, escritor moçambicano, disse em entrevista recente ao Portal Vermelho:

Há proximidades, que se manifestam em áreas que não correspondem ao que o Brasil realmente é. Por exemplo, na área da novela, o Brasil está presente como nunca esteve. É pela via das novelas que os moçambicanos conhecem o Brasil. Mas é apenas uma ideia do Brasil. Na literatura houve um empobrecimento, os africanos não sabem o que está acontecendo no Brasil, sobretudo em relação aos novos autores. (2011)

Ressaltando essa invasão brasileira do mundo da telenovela, o produto atual com sucesso de exportação, chegamos, então, a outro produto de consumo: o jogo de futebol televisionado. Nesse artigo, dividido em duas partes, além da introdução e das considerações finais, faremos uma leitura dos contos: “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” e “A carta de Ronaldinho”, pertencentes ao livro *O fio das missangas*, publicado em 2004, por Mia Couto.

## I- A ILUSÃO DA COMUNIDADE

O conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, narrado em primeira pessoa, tem como personagem um morador de rua que vai a um hospital, por ocasião de agressões sofridas por policiais que o haviam expulsado da frente de uma loja de televisores num shopping. Ele diz ao médico estar ali, não por causa dos machucados, mas para pedir-lhe que intervenha junto ao dono da loja de tevês para que ele e os outros mendigos possam assistir ao Mundial de Futebol de 2002 naquele local. Pensando que o médico atendera o seu pedido, Sexta-Feira se junta aos amigos para verem o jogo. Durante a partida televisionada, acaba imaginando-se como jogador do Mundial, mas é despertado pela agressão dos policiais que novamente expulsam-no.

É significativo o local em que se encontra o personagem para assistir aos jogos: uma loja de tevês, num shopping, conforme verificamos nesse trecho: “Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar” (COUTO, 2011, p. 81). O mendigo encontra-se em frente a dois templos de ilusão, um está localizado dentro do outro: a televisão dentro do shopping.

Nesse espaço de fabricação de sonhos, o personagem mergulha na ilusão para escapar de uma realidade cruel de abandono e espoliação. Também é nesse local, que ele se sente irmanado, em comunidade com os outros mendigos, como ilustra a passagem: “ali alcanço ilusão de ter familiares. [...] Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e noutros continentes” (COUTO, 2011, p. 82).

Através desse ambiente ilusório, Sexta-Feira consegue filiar-se à vida, escalar-se no time dos seres humanos, pois a pertença à comunidade era importante para que ele driblasse a morte, tanto física quanto espiritual.

Sobre esse espírito coletivo oriundo dos torcedores de futebol, Sevecenko (apud MARQUES, 2002, p. 10), numa análise sobre a organização do novo espaço urbano brasileiro e da nova ordem social advinda dessa organização, afirma:

Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz

comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.

Podemos interpretar o surgimento das torcidas por intermédio desse sentimento de pertença a uma comunidade. Podemos ler esse fato também como a solidariedade medieval existente entre as pessoas, antes de o capitalismo fomentar a individualização humana. Sexta-Feira necessita desse anseio de “pertencimento” para se sentir vivo.

Sua luta pela existência, para ser visto pelo outro, pode ser percebida nessa passagem da narrativa: “Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exibir minhas maleitas” (COUTO, 2011, p. 81). Na ilusão do futebol está a saída onírica por meio da qual o personagem escapa do cotidiano de crueldades sociais.

O procedimento literário da narração em primeira pessoa torna-se fundamental na “confeção das missangas narrativas do conto”. O tom confessional, por vezes, dramático do mendigo pode apresentar duas visões diferenciadoras: o espírito de comunidade, proporcionado pelo jogo de futebol, e a ilusão provocada pela transmissão desse esporte pela televisão.

Em “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”, o cientista social português, Nuno Domingues, coloca: “Os jogos foram instrumentos socializadores, inculcando disciplina, espírito de grupo, respeito pela hierarquia e pelo ritual, momentos de reprodução de uma condição social inerente a um estatuto de civilização nacional” (2006, p. 400). O jogo de futebol trazido pelo colonizador europeu para Moçambique como uma condição civilizatória pode ser lido, no conto, como uma forma de o mendigo tentar integrar-se na sociedade “civilizada”, para a qual ele não existe.

Por outro lado, a ilusão frente aos televisores da loja do shopping caracteriza/mostra a impossibilidade dessa pertença, que passa a ocorrer no devaneio. Então, retomando o que colocamos, anteriormente, sobre a importância da narrativa em primeira pessoa, o personagem traz a aguda consciência de sua condição, conforme verificamos nesse trecho do conto:

Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exibir bem alto suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos pênaltis eu já tinha marcado contra o destino? (COUTO, 2011, p. 82).

O mundo, fabricado pela televisão, que provoca a ilusão do esquecimento da própria dor, em prol do encantamento da falsa dor alheia, é denunciado pela voz do mendigo. Ele, esquecido no seu constante jogo pela sobrevivência, na sua luta diária pela vida, marca pênaltis contra o destino, seu adversário.

Essa consciência de Sexta-Feira é novamente retomada, já no final do conto, quando ele pergunta: “Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?” (COUTO, 2011, p. 84). O jogo televisionado pode ser interpretado como um elemento entorpecedor e desviante

do indivíduo da sua realidade cotidiana, aqui denunciado pela voz do mendigo que embarca nesse universo de sonhos virtuais.

Já no final do conto, a linguagem tenta incorporar a narrativa do jogo televisionado. As expressões esportivas e a velocidade da ação imprimem, ao sonho de Sexta-Feira, o tom paródico da narração esportiva, conforme ilustra esse trecho:

eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida (COUTO, 2011, p. 84).

O procedimento paródico da linguagem, nessa parte do conto, é marcado pela ironia que “parece ser o principal mecanismo retórico para despertar a consciência do leitor [...] A ironia participa do discurso paródico como uma estratégia que permite ao decodificador interpretar e avaliar” (HUTCHEON, 1989, p. 47). O mendigo, portanto, passava a ter a atenção de todos. Os olhos dos torcedores imaginários começavam a acompanhá-lo em sua posição de jogador. O mundo das injustiças era reparado pelo árbitro que punia esse universo da agressão, dando um cartão vermelho à sociedade que lhe voltava as costas todos os dias. Essa falta que o personagem sofrera no campo pode ser interpretada como a falta de tudo que ocasiona a miséria de um não-existir.

Podemos perceber, ainda nessa passagem do conto, que “ao imprimir na sua própria forma, a do texto que parodia, uma paródia pode facilitar a tarefa interpretativa” (HUTCHEON, 1989, p. 56) e, com isso, a crítica explícita às injustiças sociais a que estão expostos tantos seres humanos, representados na figura do mendigo Sexta-Feira. Assim, a reparação configura-se na linguagem literária da narrativa, ou seja, a paródia cumpre sua função social interpretadora e avaliativa.

Nesse palco da representação literária que é o conto de Mia Couto, Sexta-Feira desempenha seu próprio papel. O dramaturgo Dias Gomes, falando sobre a mítica Seleção Brasileira de futebol da Copa de 1982, expõe: “Como dramaturgo, vejo no futebol não apenas uma disputa esportiva, mas, sobretudo um espetáculo teatral. Para mim, o campo é um palco e os jogadores 22 atores que vão interpretar uma peça cujos papéis foram apenas delineados, mas não escritos” (MARQUES, 2002, p. 16). Na encenação futebolística imaginária dentro do conto, o personagem poderia ser lido como o ator que capta todos os aplausos, por estar sob a visibilidade das luzes, as mesmas que o mendigo almeja conseguir.

A saída do mundo ilusório dá-se pela violência que passa a ser o elo que cria as condições para a fuga do sonho, assim como a ligação que retira o personagem de seu devaneio, conforme podemos verificar nessa parte do conto:

Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha - o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam (COUTO, 2011, p. 84).

A figura do juiz como aquele que representa a lei, o cumprimento do contrato social, poderia representar a sociedade que agride, como cães de rua famintos, os mendigos que espiam a loja de tevês.

O conto deixa, em seu desfecho, conforme exposto no trecho anteriormente citado, a interrogação sobre a possível morte do mendigo pela ação violenta da polícia. Tal morte poderia significar o fim do sonho ou da própria vida física.

## II- A DUPLA FICÇÃO DE FILIPÃO TIMÓTEO

Em “Carta a Ronaldinho”, tem-se a estória de um velho, chamado Filipão Timóteo, cuja única ocupação é assistir, todos os dias, às partidas de futebol do Mundial de 2002, numa televisão que ele mesmo desenhou com carvão nas paredes de um bar decadente. Nesse local, durante os jogos, imaginava ser o técnico de futebol no Mundial que nunca acabava. Os filhos, preocupados com a sanidade do pai e com o fato dele ter virado motivo de piada local, vêm da capital com o intuito de levá-lo embora. Não conseguindo alcançar esse objetivo, um dos filhos, numa tentativa de convencer o velho, traz uma falsa carta da Federação Nacional de Futebol, convocando-o para ir à capital, onde seria homenageado, e, por fim, descansaria junto a sua família. Mas o velho não acredita na veracidade da carta e, em contrapartida, apresenta outra, proveniente do Brasil, endereçada a ele e assinada por Ronaldinho Gaúcho. O filho vai embora sem voz e o personagem solicita a ele que lhe traga da cidade um pedaço de giz para que possa desenhar uma televisão nova.

Nesse conto, como no anterior, ambas as personagens vivem virtualmente o mundo futebolístico, tanto pela presença material do aparelho televisivo, como pela fantasia da existência de tal objeto. Eles acabam se tornando participantes ativos desse mundo onírico, para o qual escapam, fugindo de uma realidade de solidão e miséria.

Logo no início do conto, a voz do narrador traz a síntese proverbial, como podemos observar nessa parte: “Conforme o chão de um é feito para o futuro e do de outro é rabiscado para a sobrevivência” (COUTO, 2011, p. 99). O contraste entre as promissoras carreiras dos jogadores de futebol e a luta diária de um velho abandonado, cuja única alegria é inventar um mundo particular, acaba sendo ressaltada pela voz do narrador. Segue-se a esse provérbio uma pergunta dirigida ao leitor, como podemos verificar nesse trecho: “Filipão Timóteo pisava ou era pisado pelo chão?” (COUTO, 2011, p. 99). Com alguns exemplos que figuram entre o riso cômico proposital e a mordacidade da crítica social, o narrador vai responder a tal pergunta, como podemos verificar no trecho:

E o dente avulso, já de tão solto, abanava com riso. No bar da Munhava, o velho reformado retorcia a volta ao destino. No meio do cervejeiral, Filipão se vingava. Prova era o salto fantástico e o grito que, de quando em quando, se escutava na rua:- Goolooo! [...] Quando saltava, caía-lhe o aparelho da surdez e ele passava o resto do tempo de gatas, procurando o salvador instrumento entre as imundícies do chão. Para tão pouco voo, tanto quadrupedar-se pelo chão! (COUTO, 2011, p. 99-100).

A solidão do velho e a fuga do destino, que poderia ser compreendida como um subterfúgio para enganar a morte pelo mergulho no mundo duplamente fictício do futebol, orientam a construção narrativa. A celebração, a alegria do grito e o pulo podem ser vistos como o drible da miséria e da morte que o espreitam a todo o momento. O personagem inventa as suas alegrias, não aceita a sua existência de abandono e privações. No seu cair e

levantar, observamos a ironia do autor, em alusão às cenas mesmas do jogo de futebol, em que os esportistas caem e levantam-se. O personagem Sexta-Feira, do conto anteriormente apresentado, aludia à representação existente nessas quedas e dores falsas. Mas o tom crítico do narrador faz-se notar pela presença do verbo “quadrupejar”, em oposição ao ato de voar, indicando que Filipão vivia mesmo no jogo de sobrevivência, entre o mundo real, no chão, na miséria, e aquele que criou para si, o mundo do voo, nas alturas, no sonho.

Somos levados a questionar se o nome do personagem, Filipão Timóteo tratava-se de seu nome oficial, ou se o primeiro nome seria apenas um apelido emprestado do nome do técnico da seleção brasileira no Mundial de 2002, Luís Felipe, chamado pela mídia de Filipão. O velho exercia, em seu mundo imaginário, a função de técnico, conforme podemos verificar na seguinte passagem: “rabiscava num velho e sebooso papel uns desenhos: as táticas do jogo. Filipão organizava os esquemas táticos, arquitetava a força anímica. Que se estava em pleno Mundial, a distração é a morte do guarda-redes” (COUTO, 2011, p. 100). Assim sendo, o nome do personagem figura como um recurso paródico intencional do autor. Sobre a construção explícita da paródia, Hutcheon (1989, p. 54) coloca que “as imposições são deliberadas e até necessárias para a sua compreensão”. Nessa linha de raciocínio, a recorrência alusiva ao nome do técnico da seleção brasileira, na época, torna-se uma estratégia narrativa para a crítica ao mundo irreal do futebol que penetrava nos espaços moçambicanos como uma forma de mascarar realidades e tensões ocasionadas pela miséria.

Mia Couto sempre foi um arguto observador da realidade de seu país, sempre transfigurada em seus inúmeros livros de contos, conforme expõe Benito (2007, p. 92):

En una entrevista, ya de hace algunos años, a Mia Couto em el *Jornal de Letras*, Agosto de 1991, el escritor dab acuenta de los datos obtenidos en una encuesta realizada en barrios suburbanos de Maputo y decía que muchos de los entrevistados estaban convencidos de que los locutores de televisión podían ver a los telespectadores a través de la pantalla. Esto demuestra que un aparato de televisión no es solamente una intrusión técnica, sino que se entiende como una visita personal.<sup>1</sup>

Em outro conto do mesmo livro, chamado “Enterro televisivo”, existe uma mistura do universo fictício das novelas mexicanas com o das novelas brasileiras, consumidas por um casal de velhos, para quem os personagens são reais.

O mundo do futebol televisionado, para o mendigo Sexta-Feira, representa a possibilidade de estar em comunidade com outros indivíduos, ou seja, sentir-se integrado. Já Filipão Timóteo deseja, mesmo sozinho, comemorar a vida através da dupla ficção proporcionada pelo jogo de futebol. A esse respeito Benito afirma: “Si en los casos anteriores había una denuncia de soledad, em este en concreto asistimos a una búsqueda de la felicidad que, através de es a pantalla fingida, llena el vacío de una vida miserable con una alegría real” (2007, p. 94).<sup>2</sup>

O tom de crítica social do conto vai se alargando, mas não representa uma novidade na literatura do escritor moçambicano. Em suas inúmeras entrevistas, Mia Couto – ativo combatente da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), mais tarde afastado dela,

<sup>1</sup> Em uma entrevista, já há alguns anos ao *Jornal de Letras* (agosto de 1991), Mia Couto referiu-se a uma pesquisa feita em bairros suburbanos de Maputo e argumentou que muitos dos entrevistados estavam convencidos de que os locutores de televisão podem ver os telespectadores pela tela. Isto mostra que um aparelho de televisão não é apenas uma intrusão técnica, mas é concebido como uma visita pessoal.

<sup>2</sup> Se nos casos anteriores, havia uma denúncia da solidão, neste concretamente assistimos a uma busca da felicidade que, através de uma tela falsa, preenche o vazio de uma vida miserável com uma verdadeira alegria.

tornando-se um crítico do regime de governo que, segundo ele, esqueceram os lemas da luta pela independência do país - observa que “no existe globalización, sino uma simple exportación, imposición de algunas señales, ni siquiera de modelos, porque el modelo, según él, permanece siempre junto al produtor” (COUTO apud BENITO, 2007, p. 95).<sup>3</sup>

É mordaz a observação do narrador sobre a fábrica de ilusões alicerçada pelas mídias, como podemos observar nessa indagação inserida diretamente no conto: “A realidade não é um sonho fabricado pelos mais ricos?” (COUTO, 2011, p. 101). A alegria e a felicidade, construídas pela imaginação do velho, não estão mais no jogo junto à comunidade, ou seja, no estar presente nas partidas de futebol, mas, sim, no jogo aprisionado no aparelho irreal de televisão. Nesse momento, observamos a instalação do “duplo ilusório” no conto: a televisão rabiscada na parede com carvão e a ilusão proporcionada por esse aparelho. O mundo irreal, fabricado pela televisão, não necessita da existência do aparato tecnológico que projeta as imagens. Benito (2007, p. 95), falando sobre a entrada da modernidade tecnológica em Moçambique, coloca:

Quando un país como Mozambique irrumpe en la modernidad, el encuentro de culturas va a ser necesariamente traumático, porque no se trata de un encuentro sino de una incursión abusiva. La modernidad que llega a las culturas africanas no es la cultura europea, occidental. Se trata de emanaciones, representaciones simbólicas de esa cultura por medio de la tecnología. Se está volviendo a repetir, más o menos, el modelo de relación de aquellos encuentro siniciales entre los africanos y los primeiros descubridores europeos que le sofrecían baratijas; lo que ocurre es que ahora esas cuentas de collar de colores brillantesson diferentes manifestaciones de la tecnologia del primer mundo.<sup>4</sup>

Não perdendo de vista a representação do universo moçambicano, que se irrompe na literatura de Mía Couto, a criação das estratégias narrativas, baseadas nas figuras de dois velhos abandonados, desprovidos até da dignidade humana, faz com que os contos, ao dialogarem com o fantasioso universo futebolístico televisionado, apresentem um modo de olhar para o mundo moçambicano, frente aos rastros violentos do choque de culturas, mesmo em se tratando da cultura brasileira, tão próxima da de Moçambique.

Para entrar nesse universo ilusório particular, o personagem do conto faz uma espécie de ritual, como podemos observar na passagem que segue:

Filipão chegava manhã cedo, carregava no falso botão do inexistente aparelho e se sentava na habitual mesa, ao fundo da sala. Pedia a sagrada cerveja e sorvia o líquido como se bebesse pelos olhos lentos. Bebia todo

---

<sup>3</sup> não existe globalização, mas apenas uma simples exportação, imposição de alguns sinais, nem sequer de modelos, porque o modelo, de acordo com ele, permanece sempre junto do produtor.

<sup>4</sup> Quando um país como Moçambique irrompe na modernidade, o encontro de culturas será necessariamente traumático, porque não se trata de um encontro, mas sim, uma incursão abusiva. A modernidade que chega para as culturas africanas não é cultura europeia, ocidental. Trata-se de emanções, representações simbólicas dessa cultura por meio da tecnologia. Está se tornando mais ou menos a repetir, o modelo de relação daqueles encontros iniciais entre os africanos e os primeiros descobridores europeus que lhes ofereciam penduricalhos, enfeites sem valor; o que acontece agora é que estas contas de colar de cores brilhantes são manifestações diferentes da tecnologia do primeiro mundo.

ele, a sua alma era uma boca. Estalava a língua, ruidosamente (COUTO, 2011, p.100).

Podemos estabelecer uma comparação entre essa televisão improvisada, chave de fuga de um mundo de privações para outro de alegria, em que Filipão se investe do papel de comandante da mitológica Seleção Brasileira, com a improvisação dos campos de futebol em todos os lugares do mundo real. Nesses espaços improvisados, todos, especialmente, crianças se divertem, conseguindo, por alguns momentos, afastar a tristeza provocada pela miséria da vida cotidiana.

Segundo Domingos (2006, p. 406), essa improvisação do espaço para o jogo de futebol também ocorreu em Moçambique:

A sua expansão pelo território terá sido rápida, como comprova uma crónica que *O Brado Africano* publicou em 1939 (21/1, p. 5) sobre a vida desportiva no distrito de Inhambane: “O futebol, aqui, como de resto em toda a parte, é o desporto – rei por excelência. É o desporto que se pratica em maior escala, e é ver por essas estradas que atravessam o Distrito vários campos de futebol (?) com árvores no meio e dois bambus espetados no solo e atravessados por um terceiro a servirem de balizas!”

O final do conto remete-se ao provérbio usado como epígrafe em sua abertura, assim posto: “O problema não é ser mentira. É ser mentira desqualificada (Provérbio da Munhava)” (COUTO, 2011, p. 99). O nome do bar, “Bar da Munhava”, indicia tratar-se de um bairro pobre da segunda maior cidade moçambicana, Beira, em que nasceu Mia Couto. Supomos que escritor possa ter ligado o provérbio com o local da narrativa e, a partir dessa ligação, orientado a construção narrativa. Para tanto, destacamos que a tentativa dos filhos de acabar com a alegria do pai, Filipão, torna-se um fracasso total. Preocupados com o olhar dos outros, conforme explicita o diálogo extraído do conto: “- Já todos se riem, pai – confirmava o mais novo” (COUTO, 2011, p. 100), os filhos não se atêm para o mundo de felicidade que o velho fabricara para si. A mentira que inventam acaba sendo desqualificada. Dessa forma, o provérbio é retomado: a seleção de futebol de Moçambique sequer participara do referido mundial. Mesmo imprimindo à carta o caráter de oficialidade da escrita, como mostra o trecho: “Era um papel sério, com carimbo e redigido em máquina” (COUTO, 2011, p. 101), não conseguem penetrar no mundo imaginário do pai. O documento irrefutável, sério, feito por aqueles que estão no poder, a Federação Nacional de Futebol, é rechaçado pelo velho. Essa recusa em acreditar naqueles que queriam retirar-lhe a alegria é feita através do mesmo engenho de que se valem os filhos: “E o pai estendeu um envelope ao filho. Tinha selo do Brasil e estava assim endereçada: Senhor Filipão Timóteo, Bar da Munhava. Assim, sem emenda nem gatafunho. Em baixo, a assinatura bem desenhada: Ronaldinho Gaúcho” (COUTO, 2011, p. 101). Podemos compreender que a carta fora dada ao velho por alguém que desejava trocar de sua insanidade, mas ele, de maneira astuta, consegue usá-la para continuar na sua vida imaginária, dado que sua ida com os filhos para a capital representaria, talvez, a sua internação em um hospício e, até mesmo, a morte provocada pela solidão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses contos de Mia Couto misturam o universo da realidade dura de um país, assolado por problemas sociais oriundos da desilusão ou, mesmo, da traição, representada

pelos ideais defendidos no projeto de independência, com a fantasia e o sonho proporcionados pela transmissão televisiva dos jogos de futebol.

Falando de futebol, ora de forma irônica, ora humanizando mendigos, ora dando oportunidade de sonhar a um velho de nome “Filipão Timóteo”, com a função de técnico, o escritor moçambicano põe em questão toda uma tessitura humano-social que vê, na ilusão das imagens televisivas, uma saída onírica de uma realidade em que quase tudo é privado aos personagens do conto, menos o direito de se imaginarem nos gramados do Mundial de 2002.

Em ambos os contos, a perspicácia do narrador, que faz uso de uma linguagem povoada de jargões futebolísticos, deixa entrever, nessa temática, uma feroz crítica social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITO, Ana Belén García. El comunicador Mia Couto. **Limite**, vol. 1, pp. 91-102, 2007.

CHAVES, Rita. O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa . In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALADAA- CULTURA, PODER E TECNOLOGIA: ÁFRICA E ÁSIA FACE À GLOBALIZAÇÃO, 2000, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

COUTO, Mia. **O Fio das Miçangas**, SP: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Para Mia Couto, Brasil é um tio rico, mas distante de Moçambique**, em entrevista para o Portal iG[agosto 2011]. Entrevistador: Thiago Ney. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/para+mia+couto+brasil+e+um+tio+rico+mas+distante+de+mocambique/n1597115844951.html>>. Acesso em: 10 set. 2011.

DOMINGOS, Nuno. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. **Análise Social**, Lisboa, vol.179, p. 397-416, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Trad. Teresa Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

MARQUES, José Carlos. A falação esportiva: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador. Disponível em: <[http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19089/1/2002\\_NP18MARQUES.pdf](http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19089/1/2002_NP18MARQUES.pdf)>. Acesso em 10 set. 2011.